

COLUNA

ÀGBÀDO DA MEMÓRIA DE ROSA MAGALHÃES: QUANDO OS ANCESTRAIS DESFILAM NO TEMPO DO SALGUEIRO

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva¹
Eliezer Gonçalves Cordeiro²

Silêncio. Não o silêncio da ausência — o silêncio antes do encanto. Aquele segundo suspenso em que a Sapucaí prende a respiração porque sabe que algo vai começar a existir. O Salgueiro, em 2026, entra nesse intervalo raro para fazer o que poucas escolas ousam: desfilar imaginação. E o nome que conduz esse cortejo não poderia ser outro: Rosa Magalhães. Rosa nunca fez carnaval para explicar o mundo — fez para encantar o mundo enquanto pensava. Sua morte, em 2024, não encerrou uma obra; transformou-a em legado vivo. O Salgueiro entende isso e escolhe homenageá-la não com biografia engessada, mas com um desfile que parece sonho acordado: personagens fantásticos, ludicidade assumida, narrativa que brinca com o tempo, a história e o olhar. Rosa foi arquiteta da fantasia e intelectual da avenida. Pesquisadora obsessiva, leitora voraz, construtora de narrativas visuais que conseguiam o impossível: ensinar sem parecer aula, emocionar sem cair no

¹ Professor Adjunto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Mestre em Artes pela UERJ; Doutor em Educação pela UFRRJ.

² Professor Substituto na UERJ; Mestrando em Educação pela UFRRJ.

óbvio. Seus desfiles nunca subestimaram o público. Apostavam na inteligência coletiva, na capacidade de ler imagens, símbolos e referências. Quem via, aprendia — mesmo sem perceber.

O Salgueiro, escola de tradição forte e identidade marcada, acerta ao dialogar com esse universo. Vermelho e branco sempre souberam contar histórias com dramaticidade e beleza. Com Rosa, a escola encontra um espelho refinado: carnaval como teatro popular, ópera de rua, livro que se lê andando. Nada de alegoria vazia; tudo tem sentido, camada, subtexto. O cortejo lúdico prometido não é fuga da realidade — é método. Rosa acreditava no poder da fantasia como linguagem crítica. O fantástico, em suas mãos, nunca foi escapismo: foi forma de pensar o Brasil por outras vias, menos literais, mais potentes. Reis, bichos, mitos, crianças, personagens históricos reinventados — tudo convivendo na mesma avenida como convivem na imaginação brasileira. Há também algo de profundamente afetivo nessa escolha. Rosa formou gerações, influenciou carnavais inteiros, mudou o modo como se pensa visualmente o desfile. Homenageá-la é reconhecer que o carnaval tem autoras, tem pensamento feminino estruturante, tem inteligência estética que não nasce por acaso. Rosa não “decorava” a Sapucaí; ela escrevia com imagens. Quando o samba soar em 2026, o Salgueiro não vai apenas lembrar uma carnavalesca. Vai afirmar um jeito de fazer carnaval que acredita na beleza como conhecimento e na fantasia como ferramenta séria. A avenida vira livro ilustrado, sonho coletivo, homenagem sem saudade paralisante.

Rosa Magalhães marcou o carnaval brasileiro não apenas pela quantidade de títulos, mas pela forma como transformou o desfile em narrativa histórica, poética e visualmente rigorosa. Um dos momentos mais emblemáticos foi o Salgueiro de 1975, “O Rei de França na Ilha da Assombração”, em que Rosa já demonstrava sua capacidade de articular história, fantasia e humor, criando um carnaval erudito sem perder a comunicação popular. Ali, a escola desfilou como um livro aberto, com começo, meio e fim claramente reconhecíveis pelo público. No Império Serrano de 1989, com “Liberdade! Liberdade! Abre as asas sobre nós”, Rosa assinou um dos desfiles mais celebrados da história do

carnaval, conectando o processo da Independência do Brasil às lutas populares por liberdade. O desfile foi consagrado campeão e se tornou referência obrigatória quando se fala em carnaval como leitura crítica da história nacional. Já na Vila Isabel de 2013, em “A Vila canta o Brasil, celeiro do mundo”, Rosa mostrou sua maturidade estética ao transformar temas econômicos e sociais em imagens exuberantes, provando que o carnaval pode ser didático sem ser árido.

Também é impossível esquecer o Império Serrano de 1997, “O Império do Divino”, no qual Rosa dialogou com religiosidade, simbologia cristã e cultura popular, ou o Paraíso do Tuiuti de 2018, quando, como enredista, ajudou a pavimentar o caminho para um desfile crítico e politizado que questionava a escravidão e suas permanências. Em todos esses momentos, Rosa Magalhães reafirmou uma marca autoral inconfundível: o carnaval como cortejo da memória, onde o lúdico e o fantástico nunca se separam da história e da política. Agora, enquanto a gente mata a saudade de Rosa depois de degustar um pouco de sua trajetória, vamos à letra do samba?

*Eu viajei nos rococós da ilusão
Arte que me inspirou
Reencontrei, no mundo de imaginação
Memórias que você criou
Dos livros revi personagens
Barrocas imagens de tantas lembranças
Na mesa, o alto luxo da nobreza
Rei, princesa e a imperatriz
Ao visitar meus sonhos de faz de conta
Me desenhei criança, voltei a ser feliz*

*Que ti-ti-ti é esse pelo mundo a me levar?
Naveguei sem sair do meu lugar
Aportei no dia 22 de abril
À sombra de um pau-brasil*

*Assim descobri meu país
Fauna e flora, pelo seu olhar
Os donos da terra brasílis...
Um jegue me fez balançar...*

Nas prateleiras do lado de cá do Equador

Devorei a nação

Andar na Ouvidor virou caso de amor

Pro meu coração

Mestra, você me fez amar a festa

E eu virei carnavalesco

Sonhei ser Rosa, te faço enredo

Mestra, você me fez amar a festa

Tantos alunos por aqui

Segue o legado na Sapucaí!

O lelê! Eis a flor dos amanhãs

A décima estrela brilha em Rosa Magalhães

Onde o samba é primavera, que floresce em fevereiro

Nem melhor, nem pior... Salgueiro!

(Salgueiro, 2026)